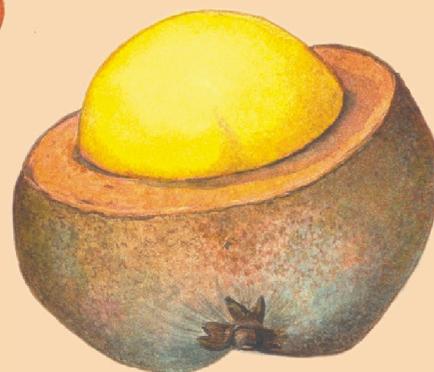




Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica

Editores: Patricia Shanley • Gabriel Medina



Ilustradores
Silvia Cordeiro • Miguel Imbiriba

Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica

Editores

Patricia Shanley
Gabriel Medina

Ilustradores

Silvia Cordeiro
Miguel Imbiriba

Edição

Patricia Shanley
Gabriel Medina

Ilustração Botânica

Silvia Cordeiro
Antônio Valente da Silva
Bee Gunn

Desenho

Miguel Imbiriba
Fábio Strympl
Dadi Sungkowo

Revisão

Tatiana Corrêa Veríssimo

Editoração

Israel Gutemberg
Jânio Veríssimo
Widya Prajanthi

Impressão

Gráfica Supercorres

Apoio

Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica recebeu apoio institucional do Centro para a Pesquisa Florestal Internacional (CIFOR), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). A pesquisa contou com o apoio generoso da Overbrook Foundation, European Commission, International Development Research Center e Governo do Acre.

A concepção e parte dos capítulos deste livro são baseadas no livro *Frutíferas da Mata na Vida Amazônica*, publicado em 1998. Esse trabalho inicial teve apoio do The Woods Hole Research Center, Usaid, International Center for Research on Women, Earth Love Fund, Rainforest Alliance e IUCN Netherlands.

S 524f Shanley, Patricia

Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica. Patricia Shanley, Gabriel Medina; ilustrado por Silvia Cordeiro, Antônio Valente, Bee Gunn, Miguel Imbiriba, Fábio Strympl. Belém: CIFOR, Imazon, 2005.

300 p. il.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 85-88808-02-1

1. Produtos florestais não-madeireiros. 2. Conhecimento tradicional. 3. Educação ambiental. 4. Floresta amazônica. I. Shanley, Patricia. II. Medina, Gabriel. III. Título

CDD: 581.509

Copyright © by CIFOR & Imazon



Este livro pode ser livremente copiado para fins educativos não-comerciais.

Comunitários capacitados para colher sementes

Noemi Vianna Martins Leão
Selma Toyoko Ohashi

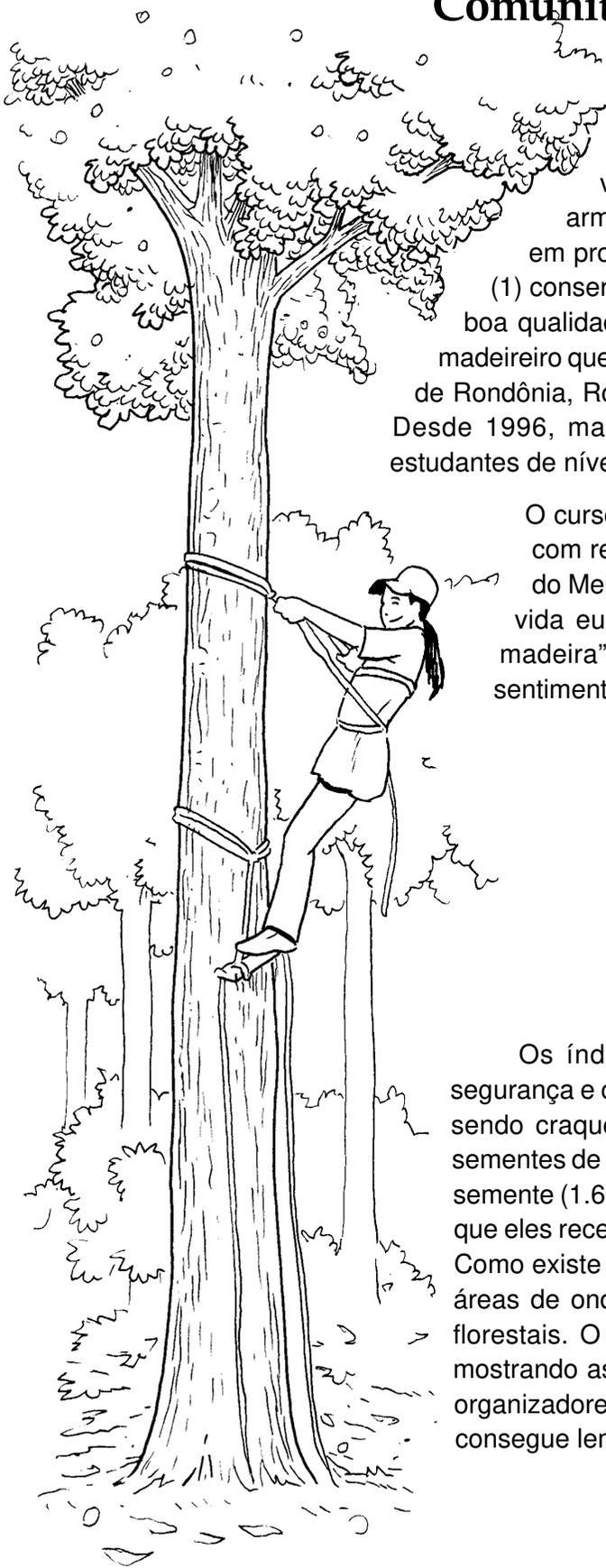
O laboratório de sementes florestais da Embrapa, junto com vários parceiros na Amazônia, está oferecendo cursos de coleta e armazenamento de sementes de espécies nativas para serem usadas em programas de reflorestamento. Os cursos têm 2 objetivos principais: (1) conservar as florestas com espécies nativas que produzem sementes de boa qualidade e (2) considerar as sementes como um produto florestal não-madeireiro que pode gerar renda para as comunidades tradicionais. Comunidades de Rondônia, Roraima, Acre, Amapá, Pará e Amazonas já participaram do curso. Desde 1996, mais de 1.000 comunitários, engenheiros florestais, viveiristas, estudantes de nível médio e agrônomos assistiram ao curso de 40 horas.

O curso mais recente foi dado na Reserva de Ariquemes, em Rondônia, com recursos do projeto Rede de Sementes da Amazônia, do Ministério do Meio Ambiente. Um participante – o Baiano – disse: “em toda a minha vida eu nunca pensei que a mata pudesse ter tanto valor sem tirar a madeira”. A camisa que ele usou no último dia do curso resume seus sentimentos:

“Só depois que
a última árvore for derrubada,
o último peixe for morto
e o último rio envenenado,
vocês irão perceber que
dinheiro não se come.

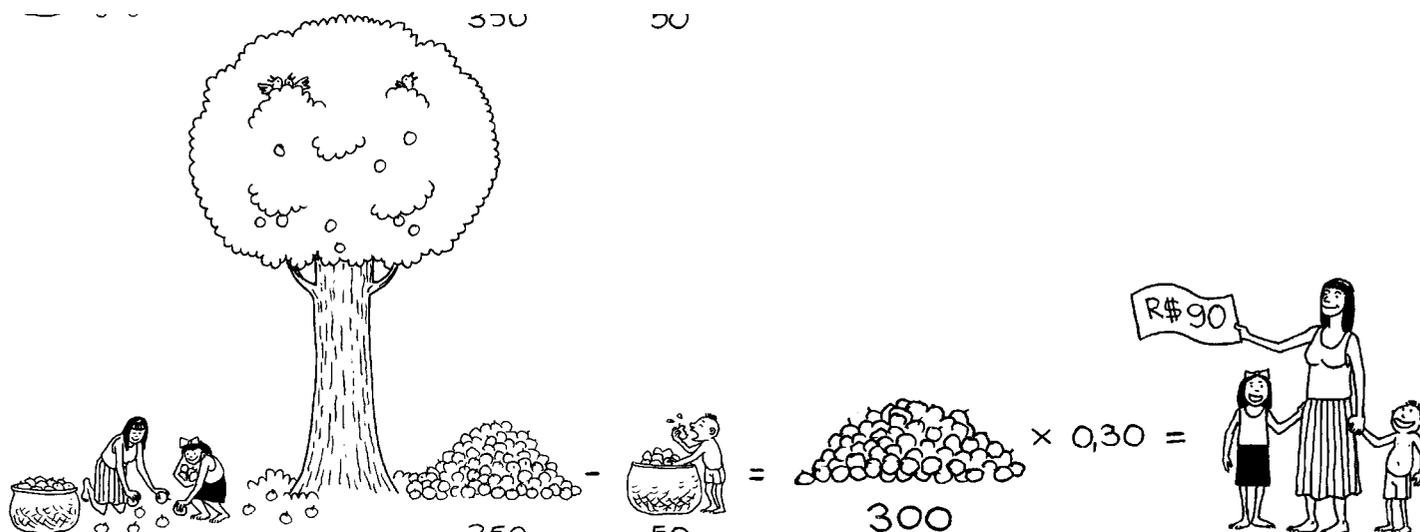
(pensamento indígena)

Os índios Parakanã também aprenderam a subir nas árvores com segurança e colher sementes das espécies com valor para a venda. Mesmo não sendo craques no armazenamento, em 2003, eles venderam 110 quilos de sementes de mogno, tatajuba, andiroba, copaíba e castanha. Para cada quilo de semente (1.600 sementes) de mogno eles receberam em média R\$ 70 – mais do que eles receberiam com a venda da madeira. Mas quem compra as sementes? Como existe uma lei federal obrigando as indústrias madeireiras a replantar as áreas de onde extraem madeira, existe uma grande demanda por sementes florestais. O livro *Frutíferas* ajudou na alfabetização dos adultos e crianças mostrando as espécies que poderiam ter mais valor. Nas oficinas na mata, os organizadores dividem a turma em equipes e fazem uma disputa para ver quem consegue lembrar o maior número de usos que a floresta pode ter.

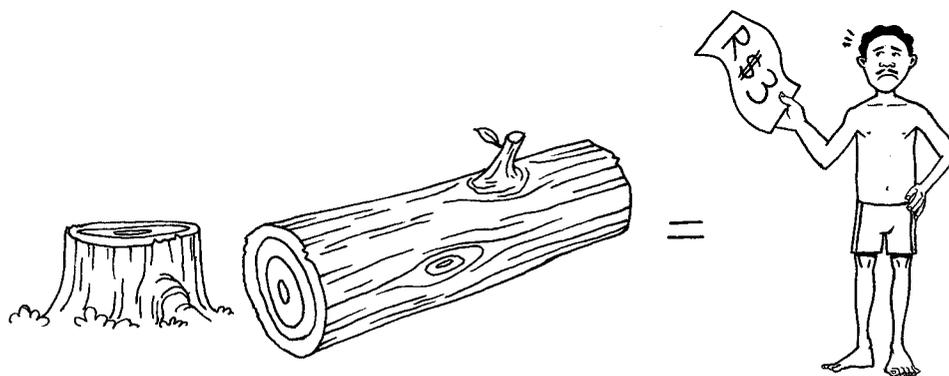


Resgate e repasse da cultura amazônica nas escolas

Quando você está aprendendo a escrever você prefere “a vovó viu a uva” ou “o papai pegou o piquiá”? Como a maioria dos materiais escolares é escrita no Sul e Sudeste do Brasil, falta conteúdo apropriado sobre a Amazônia. Escolas rurais e urbanas na região amazônica estão utilizando este livro para ensinar biologia, matemática, história, nutrição, educação ambiental e música. Além disso, a Escola Bosque de Belém e o Programa de Alfabetização de Adultos têm incorporado o livro em seus currículos.

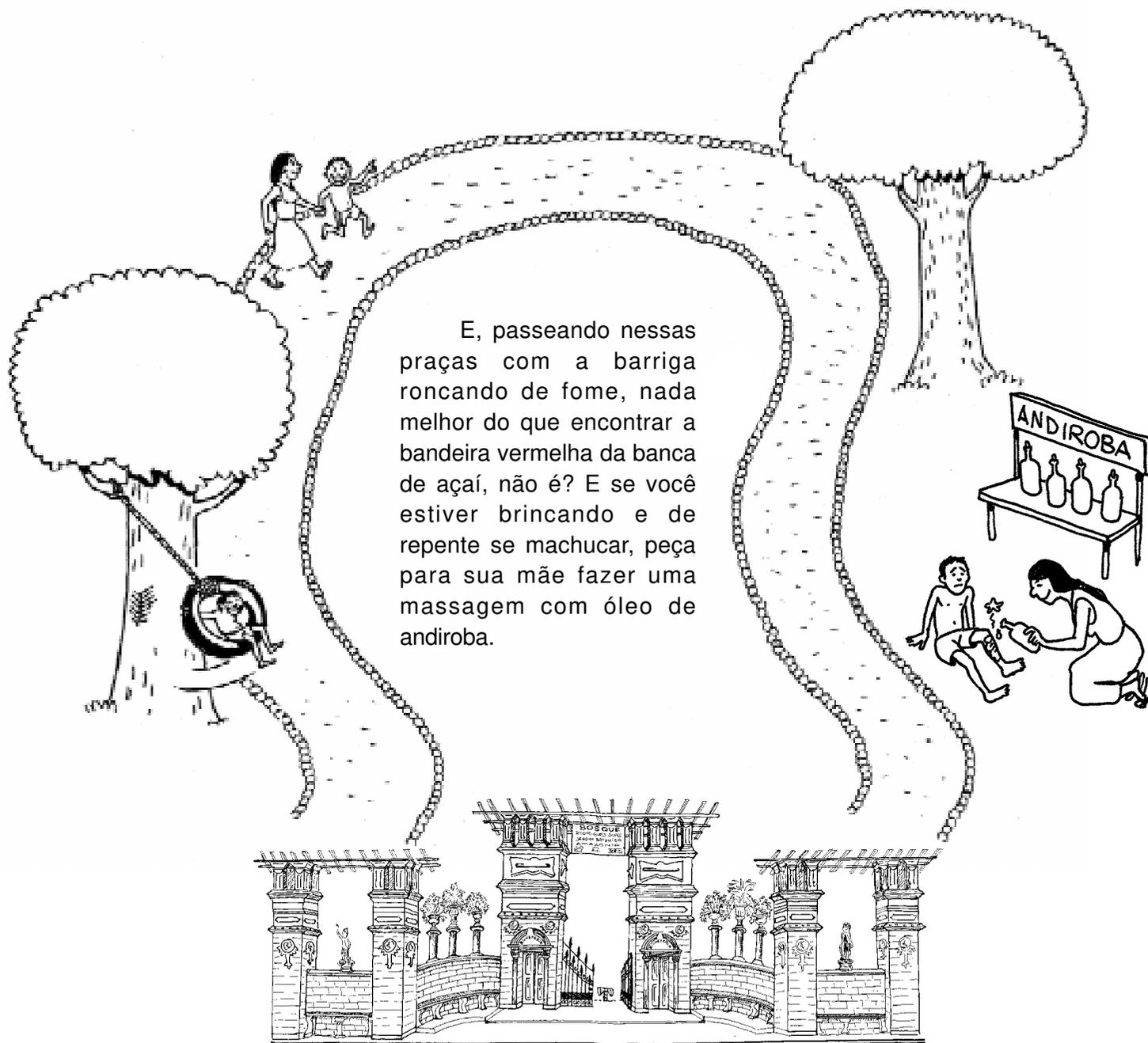


As professoras das escolas rurais podem elaborar problemas matemáticos a partir do livro. Vamos tentar? “Uma árvore de piquiá produz em média 350 frutos. Depois de deixar seu filho comer 50 frutos, Maroca vendeu 300. Na feira, cada fruto custa 30 centavos. Quanto ela ganhou de sua árvore? Um amigo dela de outra comunidade pensando em ganhar mais vendeu seu pé de piquiá para um madeireiro por R\$ 3,00. Quem ganhou mais?”



Sensibilização das pessoas da cidade

Você sabia que muitas praças, teatros e a arquitetura bonita de Belém e Manaus são devidos ao dinheiro gerado pelo látex da seringueira? Para saber mais sobre o uso e história das plantas nativas, você pode encontrar uma trilha no Bosque Rodrigues Alves, em Belém. Lá, eles usaram alguns capítulos deste livro para criar jogos, cartilhas e placas para despertar a criançada e adultos da cidade para a beleza e riqueza da floresta.



E, passeando nessas praças com a barriga roncando de fome, nada melhor do que encontrar a bandeira vermelha da banca de açai, não é? E se você estiver brincando e de repente se machucar, peça para sua mãe fazer uma massagem com óleo de andiroba.